

SANTO ALFONSO TINHA RAZÃO...

*** Roberto Rodrigues**

Dizem que velho é todo mundo com 20 anos mais que a gente, critério ótimo para flexibilizar a senilidade: nunca se chega nela... Também se fala que velho é todo aquele que não começa nada novo de medo de não conseguir terminar. Esta idéia é interessante, porque explica “velhos” de 30 anos e “jovens” de 80, estes sempre inventando novidades e aqueles inertes ante os desafios.

É muito comum, no entanto, ouvir dizer que a velhice é mesmo uma grande porcaria, embora melhor que a alternativa... O importante é saber enfrentar o peso das primaveras, e a sabedoria para isto é fazer, em cada tempo, aquilo que pode ser feito.

Há muitos anos, uma amiga mais velha me disse que, com a idade, a gente vai “refinando” as características: quem é bom vai ficando melhor, quem é ruim piora; o mão aberta dá tudo o que tem, o pão duro nada oferece, e assim por diante.

Uma das conseqüências desta agudização do temperamento é que, quanto mais velhas as pessoas vão ficando, menos vontade têm de conviver ou estar com aqueles que pensam diferente. As pessoas se tornam seletivas, e tratam de conversar somente com quem têm sintonia de pensamentos e até de princípios ou posições políticas, religiosas, e assim por diante. A menos que seja para brincar, e aí, o futebol é um bom tema.

Mas o ruim disto é que tal processo aprofunda o envelhecimento: quem não tem disposição para enfrentar o contrário, de partir para o contraditório, está simplesmente fechando a oportunidade de aprender o novo e, eventualmente, até de mudar de opinião e de posição sobre as coisas da vida.

Um ponto é claro: a única forma de evoluir é aprender, e ninguém aprende se fica apenas repetindo as mesmas “convicções”. Aliás, esta é uma característica dos radicais de qualquer cor: se não se derem a chance de “entender os adversários”, vão se tornando cada vez mais radicais, xiitas e, portanto, longe do senso comum e do equilíbrio. E produzem radicais do outro lado.

Resumo: não abrir a cabeça é receita para envelhecer mais depressa. O problema é que os maduros em geral não querem abrir a cabeça. E aí é que mora o perigo, neste círculo vicioso.

Por outro lado, também não é preciso ficar só procurando os contrários para conversar, na busca do tal crescimento. Mesmo porque, se entre os contrários estiver um radical, este em geral é muito chato. Todo radical é chato, porque se sente o dono da verdade e termina agredindo quem não pensa igual. Caso contrário, não seria radical.

De modo que é preciso ter bom senso, para chegar à verdadeira conclusão, e estamos falando de pessoas sexy, os “sexygenários”: é fundamental estar sempre com a cabeça preparada para novas possibilidades, assim como o coração. Peito

aberto e cabeça aberta permitem novas relações e a velhice fica para depois. No entanto, nada de precisar falar com todos os “professores de Deus” que aparecem.

Em resumo, e de novo, tudo é uma questão de bom senso. Mas é preciso cultivar este bom senso, correr atrás dele. Nisso, uma característica é essencial, sem a qual tudo o mais desmorona: paciência.

Afinal, Santo Alfonso já dizia:

“Para viver tranqüilo, ocorrem cinco coisas:

- um copo de ciência;
- uma garrafa de sapiência;
- um barril de prudência;
- um tonel de consciência
- e um mar de paciência...”

E paciência nem sempre é companheira da velhice.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**